

<Ficar + Gerúndio> no Português Europeu

HENRIQUE BARROSO

(Braga)

<FICAR + GERUND> IN EUROPEAN PORTUGUESE

<Ficar + gerund> is a construction that focuses on the ‘beginning’ of the situation denoted by the predicate whose core is the verb form of the gerund. This value, the “inceptive”, is also expressed by a relatively large number of other constructions, of which *começar a*, *pôr-se a*, *romper a*, *meter-se a* + infinitive are just a few examples. Consequently, the central objective of this article is to investigate the peculiarities of the construction under scope. To this end, and almost always using a *corpus* made up of authentic language material, collected exclusively in literary texts (late 20th century, almost all), I (will) call forth several arguments, both of a structural and syntactic-semantic nature.

KEYWORDS: <Ficar + gerund>; verbal periphrasis; (semi)auxiliary verb; ‘passage’ and ‘beginning’ (of a new situation) + ‘continuity’; European Portuguese.

PALAVRAS-CHAVE: <Ficar + gerúndio>; perífrase verbal; verbo (semi)auxiliar; ‘passagem’ e ‘início’ (de uma nova situação) + ‘continuidade’; Português Europeu.

INTRODUÇÃO

<Ficar + gerúndio> é uma construção verbal que partilha, prototipicamente, o mesmo significado com mais vinte e uma outras,

distribuídas pelos nove grupos que se seguem, o mesmo número dos significados específicos (o fundamento da distinção) que parecem veicular: (i) <começar a + infinitivo> e <principiar a + infinitivo>; (ii) <desatar a + infinitivo>, <deitar a + infinitivo>, <largar a + infinitivo>, <romper a + infinitivo>, <deitar-se a + infinitivo>, <botar-se a + infinitivo> e <desandar a + infinitivo>; (iii) <entrar a + infinitivo> e <entrar + gerúndio>; (iv) <pegar a + infinitivo>; (v) <meter-se a + infinitivo>; (vi) <pôr-se a + infinitivo>, <ficar a + infinitivo>, <ficar + gerúndio> e <quedar-se a + infinitivo>; (vii) <recomeçar a + infinitivo>; (viii) <passar a + infinitivo>; (ix) <começar por + infinitivo>, <começar + gerúndio> e <principiar por + infinitivo>.¹

Considerando a totalidade das construções explicitadas, não é de todo despiciendo chamar a atenção para a seguinte propriedade: há algumas que estão amplamente documentadas (no topo, e com notório destaque, <começar a + infinitivo> e, ligeiramente abaixo, <ficar a + infinitivo>), outras consideravelmente (<pôr-se a + infinitivo>), outras pouco (<ficar + gerúndio>, a construção sob escopo) e outras, ainda, muito pouco (<quedar-se a + infinitivo>) – com exceção da primeira, todas as que constituem o agrupamento da que se está a descrever.

Por conseguinte, constitui objetivo deste estudo indagar as peculiaridades da construção, para o que – com base num *corpus* constituído por material linguístico autêntico, recolhido exclusivamente em textos literários² (ao todo, em nove de oito diferentes autorias), do séc. XX (exceto um) – convoco argumentos

¹ Por forma a que melhor se possa perceber estes agrupamentos, e em jeito de orientação, eis as etiquetas que lhes atribuí, há já alguns anos, em documento privado não publicado: as duas do grupo (i) marcam o ‘início’ de uma situação simplesmente, isto é, sem quaisquer nuances; as sete do (ii), o ‘início repentino’; as duas do (iii), o ‘início mais ou menos repentino’; a única do (iv), o ‘início + intensidade’; a única do (v), o ‘início + hábito + afinco, determinação’; as quatro do (vi), o ‘início + duração/continuidade’; a única do (vii), ‘novo início, depois de pausa’; a única do (viii), o ‘início, resultante da transição de uma situação para outra’; e, por fim, as três do (ix), ‘início de uma situação colocada em primeiro lugar numa série’.

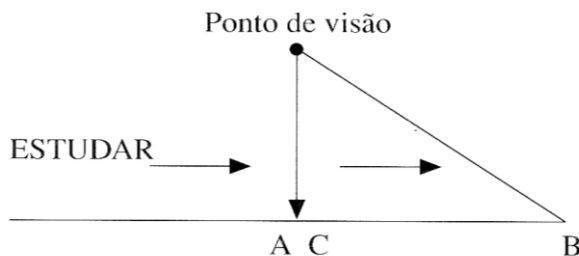
² Quanto à imprensa escrita (a outra fonte de recolha), não encontrei nenhuma ocorrência. Isto não quer significar que não ocorra neste registo, mas tão-só que não o documentei no que compulsei. De todo o modo, é bem mais rara do que a congénere <ficar a + infinitivo>. Cf., também, nota 7.

vários, tanto de natureza estrutural quanto sintática(-semântica). Ou, por outras palavras, e mais precisamente: da explicitação do(s) seu(s) significado(s), do seu carácter mais ou menos perifrástico, das possíveis restrições de seleção e, por fim, apresentar os resultados, focalizando, numa breve discussão-síntese, o que ressalta de facto relevante da análise que aqui se levou a efeito.³

1. DO(S) SIGNIFICADO(S): PROTOTÍPICO E ESPECÍFICO(S)

Na primeira abordagem que fiz desta matéria, mais precisamente, que me ocupei da construção sob escopo, escrevi o seguinte:

Segundo W. Dietrich, a **visão extensiva** [...] representa um caso especial da **visão angular**, «en el que coinciden los puntos A y B con el comienzo y fin de la acción» (cf. fig. 1, que é uma reprodução do esquema apresentado por este mesmo autor).



Ex.: **Fiquei a estudar** (ou **fiquei estudando**) todo o dia.

Fig. 1

³ Metodologia inspirada substancialmente em García Fernández (2006), e que tenho vindo a adotar em trabalhos da mesma natureza (cf. BARROSO, 2016, para < pôr-se a + infinitivo>; BARROSO, 2017, para < passar a + infinitivo>; BARROSO, 2019a, para < começar a + infinitivo>; BARROSO, 2019b, para < meter-se a + infinitivo>; BARROSO, 2020, para < principiar a + infinitivo>; BARROSO, 2021, para < ficar a + infinitivo>; BARROSO, 2022, para < desatar a + infinitivo>; BARROSO, 2023a, para < romper a + infinitivo>; BARROSO, 2023b, para < quedar-se a + infinitivo>; e BARROSO, 2024, para < começar por + infinitivo>).

Como se pode ver por este esquema, e contrariamente à **visão angular** (onde os três pontos – A, B e C –, como vimos ao estudar esta subcategoria aspectual, podem coincidir), aqui só o ponto A pode coincidir com o ponto C e nunca com o ponto B. Por conseguinte, e também por oposição à **visão comitativa**, esta subcategoria assinala a duração ininterrupta da acção verbal entre limites fixos, isto é, considera-se a acção verbal dinamicamente em extensão, desde o princípio até ao fim.

Este valor aspectual expressa-se na norma linguística portuguesa através das perífrases **ficar + a + infinitivo** (mais frequente na norma de Portugal) e **ficar + gerúndio** (mais frequente na norma do Brasil). Trata-se, pois, de duas variantes da norma portuguesa para expressar a mesma função gramatical. (BARROSO, 1994: 105-106)

e, duas páginas à frente, logo depois da apresentação dos respetivos paradigmas, continuei com isto:

Do significado pleno 'permanecer, manter-se num dado lugar', **ficar + a + inf.** (ou **ficar + ger.**) não guarda qualquer sema. Isto quer significar que se deu um processo completo de gramaticalização, passando, por conseguinte, tais estruturas a funcionar como verdadeiros sintagmas gramaticais portadores de, pelo menos, uma significação gramatical aspectual primária: **visão extensiva**. Secundariamente, outros valores se podem deduzir. Nomeadamente o 'durativo' e, também, o 'resultativo'. Relativamente aos *corpora* aqui apresentados, verificamos que, e apesar de não termos encontrado exemplos para algumas casas do paradigma, as construções em causa funcionam efectivamente em português contemporâneo. De modo mais significativo, em todas as morfotaxes do indicativo.

Dada a natureza do seu carácter aspectual ('durativo'), **ficar** apenas coocorre com verbos desta índole, ou seja, também 'durativos'. Para corroborar esta afirmação, basta passar uma vista de olhos por todos os auxiliados (quer no infinitivo, quer no gerúndio) que aparecem em todos os exemplos dos nossos *corpora*. Todos eles são, no que diz respeito à sua significação linguística, verbos plenos. No entanto, muito embora em menor

percentagem, também ocorrem verbos cópula (exs.: «Bom. Então, *fica a ser* assim.»; «Deste modo, o Benfica *ficará a ser* a melhor equipa da Europa em 1988.»). (BARROSO, 1994: 108)

Não obstante serem ambas as citações relativamente extensas (requisito da presente investigação), não as reproduzi por inteiro, e – mais – o que nelas se assere continua, no geral, válido. No entanto, como se verá ao longo deste estudo, há aspetos para os quais se fará a orientação do foco, precisamente por estarem a carecer de maior detalhamento e alguma atualização, designadamente: (i) por não se situar no mesmo quadro teórico, são outros o enfoque e a respetiva terminologia; (ii) a variedade do português considerada é só a europeia, e não também a brasileira; (iii) apenas se tem presente a construção <ficar + gerúndio>, e não também <ficar a + infinitivo>; (iv) sobre (o grau de) gramaticalização da construção que se está a descrever e respetiva combinatória com os (vários tipos de) predicados verbais, é outra – e bem distinta – a presente abordagem. Por conseguinte, uma outra aproximação vem com certeza trazer pelo menos um pouco mais de luz, isto é, permite-nos ir mais fundo no conhecimento da sua gramática.

Uma vez que <ficar + gerúndio> (parece) focaliza(r) o ‘começo’ da situação denotada pelo predicado cujo núcleo é a forma verbal de gerúndio, está-se diante de uma construção aspetual **inceptiva** ou de **fase inicial**. Este é, pois, o seu significado prototípico, o que é partilhado por todas as outras vinte e uma construções listadas na introdução. Todavia, sem prejuízo de outras propriedades potencialmente relevantes, distingue-se por lhe acrescentar o(s) significado(s) específico(s) ‘duratividade’/ ‘continuidade’ resultante(s) de uma ‘mudança’ de situação, caracterizada por incluir o fim de um evento e o início de um estado resultativo ou consequente⁴ – o(s) traço(s) individualizador(es). Poder-se-ia dizer que <ficar + gerúndio> marca ao mesmo tempo os significados expressos, por um lado, por <passar a + infinitivo> (‘passagem’ ou ‘mudança’ de situação) e, por outro, por <estar + gerúndio> (‘em curso’, ‘duração’/ ‘continuidade’),

⁴ Sobre esta e outras funcionalidades de *ficar* combinado particularmente com adjetivos ou participios passados (não <ficar + gerúndio>), em estruturas progressivas, cf. Rebouças (2019).

pelo que talvez se pudesse denominar de ‘ingressivo-durativo’/ ‘continuativo’. Os enunciados (1) e (2), que fazem parte do *corpus*⁵ aqui em análise, ilustram o que acaba de se afirmar.

- (1) 1.1. «[...], e assim se *fica conhecendo* a máscara por enquanto ainda viva deste homem.»
- (2) 8.1. «← Aquele patinho feio que depois virou cisne lindo – murmurei, orgulhoso da minha sabedoria. (Eu também era letrado, *ficasse* aquela sirigaita *sabendo!*)»

2. DEFINIÇÃO ESTRUTURAL: PERÍFRASE E VERBO (SEMI)AUXILIAR

Estruturas do tipo da que nos ocupa (<*ficar* + gerúndio>) são, normalmente, consideradas perífrases verbais, muito embora, por vezes, sem se problematizar por que razão e/ou se o são de facto, isto é, de modo inteiro. Por conseguinte, faz todo o sentido convocar um conjunto de critérios geralmente usados para, perante uma sequência no mínimo de duas formas verbais, se poder aquilatar se se está na presença de uma ‘perífrase’ ou de um ‘grupo verbal’, seja este uma

⁵ Que disponibilizo aqui, logo a seguir às Referências.

A propósito do *corpus* e respetiva organização, impõe-se este esclarecimento: os enunciados que aparecem no corpo do texto, numerados de (1) a (35), são nalguns casos imediatamente seguidos de uma outra indicação numérica constituída por um algarismo **em negrito**, o da esquerda, seguido de outro ‘em não negrito’, o da direita. O primeiro, que teoricamente vai de 1 a 24 (cf. BARROSO, 2007: 133-151), indica/ significa o ‘tempo verbal’ (simples ou composto) em que a construção aparece; e da direita, o número de ocorrências efetivamente coligidas desta construção em cada tempo verbal, com a finalidade de documentar, sempre que possível, incluindo a ‘pessoa-número’, sobretudo propriedades de natureza sintático-semântico-lexical, a informação que de facto é relevante para a descrição da construção.

Desta feita, e neste *corpus*, temos ocorrências (9, ao todo) da construção <*ficar* + gerúndio> nos seguintes tempos verbais: **1.** ‘presente’ do ‘indicativo’, **2.** ‘pretérito’ ‘perfeito’ do ‘indicativo’, **5.** ‘pretérito’ ‘mais-que-perfeito’ do ‘indicativo’, **6.** ‘condicional’ (ou ‘futuro’ do ‘pretérito’ do ‘indicativo’), **8.** ‘pretérito’ ‘imperfeito’ do ‘conjuntivo’, **10.** ‘imperativo’, **12.** ‘infinitivo’ ‘pessoal’ e **13.** ‘gerúndio’.

expressão feita ou, simplesmente, uma combinação sintática de dois ou mais verbos pertencentes a orações diferentes.

Tais critérios são exclusivamente – ou quase – de natureza sintático-semântica. É nesta base que operam, para o português, por exemplo, Gonçalves e Costa (2002) e, ainda, Raposo (2013). Com efeito, e de acordo com Gonçalves e Costa (2002), tendo em consideração estes nove critérios: (i) impossibilidade de coocorrência com orações completivas finitas, (ii) impossibilidade de substituição do domínio encaixado por uma forma pronominal demonstrativa, (iii) impossibilidade de coocorrência de duas posições de Sujeito, (iv) passivas encaixadas sem alteração do significado básico da ativa correspondente, (v) impossibilidade de ocorrência do operador de negação frásica no domínio não finito, (vi) ocorrência dos complementos pronominalizados (cliticizados) em adjacência ao verbo auxiliar, (vii) não seleção do Sujeito, (viii) coocorrência com qualquer classe aspetual de predicados verbais e (ix) impossibilidade de ocorrência de modificadores temporais que afetem apenas a interpretação do domínio não finito, <ter e haver + particípio passado> são os únicos verbos auxiliares do português ou, usando uma expressão sua (GONÇALVES e COSTA, 2002: 97), “os auxiliares puros do Português”, porque cumprem todos os requisitos usados para a sua determinação, e que a auxiliaridade “é um fenómeno gradual, no sentido em que, entre os verbos tipicamente auxiliares e os não auxiliares (ou principais), existe um conjunto de verbos cujo comportamento oscila entre o dos primeiros e o dos segundos.” (GONÇALVES e COSTA, 2002: 49). Todos os outros (de passiva, de tempo, de modo, de aspeto), tradicionalmente auxiliares, são considerados pelas autoras como ‘semiauxiliares’, exatamente por não cumprirem a pleno os critérios cujo elenco acabei de apresentar.

Por seu turno, Raposo (2013: 1231) faz esta outra apresentação das propriedades dos verbos auxiliares, colocando à cabeça as de cariz semântico, básicas para o autor, no sentido de que estão na origem das demais (duas, assinaladas com as primeiras letras do alfabeto em maiúscula: A e B), seguindo-se-lhes as de natureza sintática (seis, e procedendo do mesmo modo: C, D, E, F, G e H), discriminadamente: (A): Os verbos auxiliares não selecionam argumentos, (B): Os verbos auxiliares podem ocorrer com verbos impessoais em orações simples, (C): Os verbos auxiliares não selecionam orações subordinadas finitas

introduzidas pelo complementador *que*, (D): Os verbos auxiliares não se combinam com um verbo no infinitivo flexionado, (E): Quando o complemento do verbo pleno de uma perífrase verbal é um pronome clítico, este pode ligar-se ao verbo auxiliar, (F): Uma frase ativa transitiva contendo uma perífrase verbal tem o mesmo significado básico da sua contraparte passiva, (G): As frases com perífrases verbais admitem a construção passiva pronominal concordando o verbo auxiliar com o complemento direto da frase ativa correspondente e (H): A negação frásica incide (apenas) sobre toda a perífrase verbal, e conclui, em jeito de síntese, com a sua lista de verbos auxiliares do português (RAPOSO, 2013: 1254-1255), ou seja, os que exibem, em conjunto, as propriedades (A), (B) e (H): *ter* + pp (o auxiliar perfeito), *ser* + pp (o auxiliar passivo), *estar* (*a*) (o auxiliar progressivo), *ficar* (*a*) e *ir* + infinitivo, considerando os demais como verbos semiauxiliares (por exemplo, *andar* (*a*), *chegar* (*a*), *começar* (*a*), *continuar* (*a*), *passar* (*a*), *tornar* (*a*) e *voltar* (*a*) – todos semiauxiliares aspetuais).

Em face do que acaba de se explicitar, vai agora proceder-se à aplicação dos seguintes testes (ou provas), cuja função é permitir averiguar, simultaneamente, tanto a natureza mais ou menos ‘perifrástica’ de <*ficar* + gerúndio> quanto o carácter mais ou menos ‘auxiliar’ de *ficar* (trata-se de propriedades imbricadas e/ou mútuas).

Teste 1: Não é o primeiro constituinte da construção sob análise (a forma verbal finita) que seleciona o argumento externo com a relação gramatical de Sujeito nem, existindo e estando presentes, quaisquer outros argumentos com outras relações gramaticais, mas sim o segundo (o infinitivo), como o confronto de (4) e (5) com (3) rapidamente o comprova [*cuidar*: verbo com dois argumentos: um externo/Sujeito, *meu companheiro*, e um interno/Oblíquo, *da casa*], por resultarem precisamente em estruturas agramaticais: em (4), por o Sujeito ser (animado) não humano e, em (5), por o Oblíquo ser a relação gramatical do argumento interno selecionado por *cuidar*, não por *ficar* (o sublinhado destaca as expressões linguísticas com aquelas relações gramaticais).

- (3) 13.1. «Logo nos pusemos a caminho para o porto de Salinas o padre guardião e eu, *ficando* meu companheiro

cuidando da casa, para consolação dos frades, por ser homem muito caritativo e alegre.»

- (4) * «Logo nos pusemos a caminho para o porto de Salinas o padre guardião e eu, *ficando meu cão cuidando* da casa, para consolação dos frades, por ser [animal] muito caritativo e alegre.»
- (5) * «Logo nos pusemos a caminho para o porto de Salinas o padre guardião e eu, *ficando* meu companheiro *da casa*, para consolação dos frades, por ser homem muito caritativo e alegre.»

Teste 2: Os verbos impessoais – os que não selecionam argumento externo com a relação gramatical de Sujeito (*chover*, verbo meteorológico, e *haver*, verbo de existência, por exemplo) – porque podem ocorrer com a estrutura em análise, não só evidenciam a ‘perifrasticidade’ da construção e a ‘auxiliaridade’ do primeiro constituinte, como ainda comprovam, e de novo, que são os verbos principais (ou plenos) que selecionam aquele argumento com aquela relação gramatical. Os enunciados (6), com um verbo meteorológico (*chover*), e (7), com um verbo de existência (*haver*), ilustram o que acabo de afirmar (recordo, reforçando: porque são verbos impessoais, carecem logicamente do argumento externo e respetiva relação gramatical).

- (6) «As nuvens apareceram e de repente *ficou chovendo* torrencialmente.»
- (7) «Se os decisores políticos europeus abrissem as fronteiras, *ficaria havendo* mais refugiados nos países da União Europeia.»

Teste 3: Confrontando (9) e (11) com, respetivamente, (8) e (10), verifica-se que não é possível cindir a construção em duas orações com o verbo em forma pessoal, sem que daí não resulte (alguma) agramaticalidade – (9) não é equivalente a (8), nem (11) a (10).

- (8) 6.1. «O Bernardes e o Castel-Branco eram dois galos no mesmo poleiro. Um dia, as esporas de um deles *ficariam sangrando*. Decapitadas.»

- (9) * «O Bernardes e o Castel-Branco eram dois galos no mesmo poleiro. Um dia, as esporas de um deles *ficariam* e *sangrariam*. Decapitadas.»
- (10) 10.1. «KNIPPERDOLLINCK/ [...]. Mesmo que fôsseis aqui em maior número que nós, *ficai sabendo* que o vosso direito não seria maior que o nosso.»
- (11) * «KNIPPERDOLLINCK/ [...]. Mesmo que fôsseis aqui em maior número que nós, *ficai* e *sabei* que o vosso direito não seria maior que o nosso.»

Testes 4-6: O segundo constituinte da construção, aquele em que se encontra a forma verbal não finita (o infinitivo), não pode ser substituído nem por um ‘pronomo demonstrativo’, como se pode ver confrontando (13) com (12), nem por um ‘nome de significado idêntico’ (cf. (14) com (12)), nem ainda por uma ‘oração completiva finita’ (cf. (15) com (12)). Ao fazer-se, ou resultam agramaticais ou de gramaticalidade duvidosa.

- (12) 1.1. «[...], e assim se *fica conhecendo* a máscara por enquanto ainda viva deste homem.»
- (13) * «[...], e assim se *fica isso* a máscara por enquanto ainda viva deste homem.»
- (14) * «[...], e assim se *fica conhecimento* a máscara por enquanto ainda viva deste homem.»
- (15) * «[...], e assim se *fica que conhece* a máscara por enquanto ainda viva deste homem.»

Teste 7: A negação frásica incide (apenas) sobre toda a construção, conforme se pode observar em (16), que é a forma negativa de (2), confrontando-a com (17).

- (16) «← Aquele patinho feio que depois virou cisne lindo – murmurei, orgulhoso da minha sabedoria. (Eu também era letrado, não ficasse aquela sirigaita *sabendo*!)»
- (17) * «← Aquele patinho feio que depois virou cisne lindo – murmurei, orgulhoso da minha sabedoria. (Eu também era letrado, *ficasse* aquela sirigaita não sabendo!)»

Teste 8: A forma verbal não finita, mais rigorosamente, o segundo constituinte da construção não pode ser focalizado na ‘estrutura clivada’ (ou ‘enfática de relativo’), o que vem naturalmente reforçar o comportamento perifrástico da mesma, como se ilustra em (19), em confronto com (18).

- (18) 5.1. «Lembrou-se das noites em que *ficara olhando* para o corpo de David, tentando imaginar o que faria aquele estranho na sua cama, aquele estranho mergulhado num mundo que era só dele, onde ela não podia entrar.»
- (19) * «Lembrou-se das noites em que *olhando* para o corpo de David é ao que *ficara*, tentando imaginar o que faria aquele estranho na sua cama, aquele estranho mergulhado num mundo que era só dele, onde ela não podia entrar.»

Teste 9: Os complementos pronominalizados do verbo pleno de uma perífrase verbal podem ocorrer em adjacência ao verbo auxiliar, o que costuma denominar-se de subida de clíticos, como (20) nitidamente documenta.

- (20) 12.1. «Mas tinha sobretudo uma maneira brusca e cravada de travar e de me *ficar olhando*, como se me procurasse em qualquer sítio de mim onde não houvesse lembrança do que estávamos dizendo.»

Teste 10: A passivização das formas não pessoais do verbo mostra-nos que uma frase ativa transitiva que contém uma perífrase verbal tem exatamente o mesmo significado básico da correspondente passiva, como o confronto de (22) com (21) o comprova.

- (21) 2.1. «Continuou a gritar o padre, e acudiram vizinhos, que retiraram aleijados de ferimentos. No entanto as caixas e gavetas do padre *ficaram disputando o vácuo* com a cabeça teológica de seu dono. Consta que fora medrado o saque.»
- (22) «Continuou a gritar o padre, e acudiram vizinhos, que retiraram aleijados de ferimentos. No entanto o vácuo com a cabeça teológica de seu dono *ficou sendo disputado*

pelas caixas e gavetas do padre. Consta que fora medrado o saque.»

Pelo exposto, não restam dúvidas de que o grau de gramaticalização da construção é (praticamente) o máximo, o que quer significar que <ficar + gerúndio> apresenta uma excelente definição estrutural.

3. DESCRIÇÃO SINTÁTICA(-SEMÂNTICA)

Nesta secção investigam-se as possíveis restrições de seleção que afetam a construção, não só as que dizem respeito ao verbo (semi)auxiliar (ser defetivo, nesta qualidade, em certos tempos, aspetos, modos), quanto – de maior relevância – as que concernem ao auxiliado: aquele, o (semi)auxiliar, restringe bastante frequentemente o tipo de verbos com que se pode combinar para construir perífrases, em particular por razões que têm que ver com a classe aspetual⁶ deste último, o verbo principal.

Antes, atente-se nesta propriedade/ especificidade: porque, para além de marcar o início de uma situação, também focaliza (ou focaliza sobretudo) a sua posterior ‘continuidade’, <ficar + gerúndio> é compatível com complementos que denotam duração, o que não acontece – resultando daí estruturas agramaticais – com perífrases tipicamente marcadoras do começo (<começar a + infinitivo>, por exemplo), como se pode facilmente verificar pelo confronto de (23) com (24) (o sublinhado destaca o que aqui está em causa).

- (23) 5.1. «Lembrou-se das noites em que *ficara olhando* [durante largo tempo] para o corpo de David, tentando imaginar o que faria aquele estranho na sua cama, aquele

⁶ Sobre classes aspetuais de predicções (distintas tipologias), com que em parte se opera aqui, cf. Vendler (1967) e sobretudo Moens (1987), mas também Cunha (1998), Cunha (2007) e Cunha (2013), Oliveira (2003) e, ainda, De Miguel (1999).

estranho mergulhado num mundo que era só dele, onde ela não podia entrar.»

- (24) * «Lembrou-se das noites em que *começara a olhar* [durante largo tempo] para o corpo de David, tentando imaginar o que faria aquele estranho na sua cama, aquele estranho mergulhado num mundo que era só dele, onde ela não podia entrar.»

Quanto às propriedades morfossintáticas do (semi)auxiliar, o *corpus*, embora pequeno, documenta a coocorrência da construção com tempos de significado aspetual ‘imperfectivo’, como o presente do indicativo, ilustrado em (25), de interpretação-manifestação contínua, e ‘perfectivo’, como o pretérito perfeito simples, exemplificado em (26).

- (25) 1.1. «[...], e assim se *fica conhecendo* a máscara por enquanto ainda viva deste homem.»
- (26) 2.2. «De modo que tudo o que o Antunes *ficou sabendo* foi que tinha uma grande curiosidade de saber a verdade.»

No que concerne às propriedades sintático-semântico-lexicais, porque *ficar* é um verbo de estado, <*ficar* + gerúndio> constrói-se de preferência com predicados da mesma natureza – não dinâmicos, portanto –, mas em particular durativos, o que quer dizer que a sua combinatória com predicados de culminação e pontuais, que carecem de duração, não é normal nem frequente e, quando ocorre, dá lugar a leituras iterativas; com processos culminados, tem uma função destelizadora. Tudo isto pode ser confirmado nos seguintes enunciados: (27) e (28), exemplos de situações estativas, (29) e (30), de atividades ou processos não delimitados, e (31), de processo culminado ou *accomplishment*.

- (27) 1.1. «[...], e assim se *fica conhecendo* a máscara por enquanto ainda viva deste homem.»
- (28) 2.2. «De modo que tudo o que o Antunes *ficou sabendo* foi que tinha uma grande curiosidade de saber a verdade.»

- (29) 6.1. «O Bernardes e o Castel-Branco eram dois galos no mesmo poleiro. Um dia, as esporas de um deles *ficariam sangrando*. Decapitadas.»
- (30) 12.1. «Mas tinha sobretudo uma maneira brusca e cravada de travar e de me *ficar olhando*, como se me procurasse em qualquer sítio de mim onde não houvesse lembrança do que estávamos dizendo.»
- (31) A Maria João *ficou* toda a tarde *escrevendo* o relatório, mas não terminou.

Pelo que escrevi acima – serem menos, ou bem menos, frequentes –, o *corpus* não nos fornece enunciados com predicados de culminação (ou *achievements*) nem pontuais. Todavia, na qualidade de falante nativo, posso disponibilizar um de cada classe – (32) e (33), respetivamente –, mas sempre com leitura iterativa.

(32) «A D. Maria *fica apagando a luz*.»

(33) «A Rita *fica espirrando*.»

Por fim, e pese muito embora a pequenez do *corpus*⁷, parece poder dizer-se que o semiauxiliar tende para uma certa preferência combinatoria. Com efeito, das nove ocorrências que o constituem, três são com *saber*, duas com *olhar* e, das restantes quatro, uma com *conhecer*, outra com *disputar*, outra com *sangrar* e, por fim, outra com *cuidar*. Portanto, e se se está a analisar bem, eis outra especificidade da construção sob escopo.

⁷ Para uma melhor compreensão do que se afirma aqui, bem como ainda em todo o artigo, atente-se no seguinte: (i) na última década do séc. XX e nos anos iniciais da primeira do XXI, a fim de preparar um trabalho académico sobre perífrases verbais do português europeu contemporâneo, procedi à constituição de um *corpus*, construído predominantemente com ocorrências das referidas estruturas em textos literários e na imprensa escrita (recolha manual), e o presente *corpus*, não utilizado na ocasião, é o que agora se recupera para descrever a estrutura em causa (isto, no âmbito de um projeto em curso sobre perífrases inceptivas do PE contemporâneo), e foram as únicas ocorrências que consegui recolher (não muitas, portanto), daí ter escrito “pequenez do *corpus*”; (ii) as conclusões alcançadas, apesar do carácter pequeno do *corpus*, legitimam-se, por um lado, no mesmo, e, por outro lado, nos resultados análogos, obtidos na descrição de uma estrutura similar, a saber: <*ficar a* + infinitivo> (BARROSO, 2021).

4. RESULTADOS E (BREVE) DISCUSSÃO

A presente investigação permitiu revelar os seguintes resultados: que a construção <ficar + gerúndio> apresenta uma perfeita definição estrutural; que não pode coocorrer com predicacões que denotam estados estáveis – o que é lógico, pois, se perduram ou duram sempre, não admitem nem princípio nem fim, e a construção sob escopo focaliza o início de uma situação ou, mais precisamente, o fim de um evento e o início de um estado resultativo ou consequente; que, ao invés, é já compatível com predicados denotadores de estados faseáveis, e exatamente por admitirem alguma fase, ou seja, exibirem estrutura temporal interna. Repare-se, pois, nos enunciados (34) e (35), que o confirmam, respetivamente.

(34) * «Os alunos *ficaram sendo altos*.»

(35) «Os alunos *ficaram gostando de Linguística*.»

CONCLUSÃO

Concluo com esta nota, que respeita a todas as construções inceptivas globalmente consideradas: parece poder asserir-se que o número notoriamente elevado de construções desta natureza tem a sua motivação: a especialização na manifestação da inceptividade *sui generis*, idiosincrasia que releva não só do(s) significado(s) específico(s) mas também da combinatória sintática(-semântica) da construção. Com este contributo, ficaram a conhecer-se quer o(s) primeiro(s) quer a segunda para a construção inceptiva <ficar + gerúndio>.

REFERÊNCIAS

BARROSO, Henrique (2024): <Começar por + infinitivo> no Português Europeu. In: V. Tocco, F. M. Araújo e C. A. André (orgs.): *Mundos de Língua Portuguesa – Olhares Cruzados (I): Temas de Linguística e*

- Didática*, 75-104, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra. <https://doi.org/10.14195/978-989-26-2530-0>
- BARROSO, Henrique (2023b): <Quedar-se a + infinitivo> no Português Europeu. In: A. M. Ferreira, C. Morais, M. F. Brasete e L. R. Coimbra (orgs.): *Pelos mares da língua portuguesa* 5, Vol. 2, 211-223, Aveiro, Universidade de Aveiro Editora.
- BARROSO, Henrique (2023a): <Romper a + infinitivo> no Português Europeu. In: *Linguística*, 39 (2), 131-143. <https://doi.org/10.5935/2079-312X.20230021>
- BARROSO, Henrique (2022): <Desatar a + infinitivo> no Português Europeu. In: *Studia Iberystyczne*, 21, 163-186. [<https://doi.org/10.12797/SI.21.2022.21.09>]
- BARROSO, Henrique (2021): <Ficar a + infinitivo> no português europeu. In: *Confluência*, 60 (jan.-jun.), 9-35.
- BARROSO, Henrique (2020): Da gramática de <principiar a + infinitivo> no Português Europeu. In: *Древняя и новая Романия*, 26, 32-48. [*Antiga e Nova Romania*, 26, 32-48]
- BARROSO, Henrique (2019b): <Meter-se a + infinitivo> no Português Europeu. In: *Studia Iberystyczne*, 18, 349-363. [<https://doi.org/10.12797/SI.18.2019.18.25>]
- BARROSO, Henrique (2019a): <Começar a + infinitivo> no Português Europeu. In: C. P. Alonso, V. Russo, R. Vecchi, Roberto e C. A. André (orgs.): *De Oriente a Ocidente: Estudos da Associação Internacional de Lusitanistas*, vol. V – Estudos da AIL sobre Ciências da Linguagem (Língua, Linguística, Didática), 145-186, Coimbra, Angelus Novus.
- BARROSO, Henrique (2017): <Passar a + infinitivo> no Português Europeu: construção com valor discursivo ou operador aspetual? In: A. M. Ferreira, C. Morais, M. F. Brasete e L. R. Coimbra (orgs.): *Pelos mares da língua portuguesa* 3, 279-301, Aveiro, Universidade de Aveiro Editora.
- BARROSO, Henrique (2016): <Pôr-se a + infinitivo> no Português Europeu. In: B. Hlibowicka-Węglarz, J. Wiśniewska e E. Jabłonka (orgs.): *Língua Portuguesa. Unidade na Diversidade*, Vol. I, 109-124, Lublin, Wydawnictwo Uniwersytetu Marie Curie-Skłodowskiej.
- BARROSO, Henrique (2007): *Para uma gramática do aspecto no verbo português*. Braga, Universidade do Minho. [<http://hdl.handle.net/1822/7987>]

- BARROSO, Henrique (1994): *O aspecto verbal perifrástico em português contemporâneo: visão funcional/ sincrónica*. Porto, Porto Editora.
- CUNHA, Luís Filipe (2013): Aspeto. In: E. P. Raposo, M. F. Nascimento, M. A. Mota, L. Segura e A. Mendes (Org.): *Gramática do Português*, Vol. I, 583-619, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- CUNHA, Luís Filipe (2007): *Semântica das predicções estativas. Para uma caracterização aspectual dos estados*. München, Lincom Europa.
- CUNHA, Luís Filipe (1998): *As construções com progressivo no Português: uma abordagem semântica* (Dissertação de Mestrado). Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- DE MIGUEL, Elena (1999): El aspecto léxico. In: I. Bosque e V. Demonte (Eds.): *Gramática descriptiva de la lengua española*, Vol. 2, 2977-3060, Madrid, Editorial Espasa Calpe, S. A. [Real Academia Española – Colección Nebrija y Bello]
- GARCÍA FERNÁNDEZ, Luis (Dir.) (2006): *Diccionario de perífrasis verbales*. Madrid, Editorial Gredos.
- GONÇALVES, Anabela – COSTA, Teresa da (2002): *(Auxiliar a) Compreender os verbos auxiliares. Descrição e implicações para o ensino do Português como Língua Materna*. Lisboa, Edições Colibri e Associação de Professores de Português.
- MOENS, Marc (1987): *Tense, Aspect and Temporal Reference*, Edinburg University.
- OLIVEIRA, Fátima (2003): Tempo e aspecto. In: M. H. M. Mateus *et al.*: *Gramática da língua portuguesa*, 5.^a ed., 127-178, Lisboa, Editorial Caminho.
- RAPOSO, Eduardo Paiva (2013): Verbos auxiliares. In: E. P. Raposo, M. F. Nascimento, M. A. Mota, L. Segura e A. Mendes (Org.): *Gramática do Português*, Vol. II, 1219-1281, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- REBOUÇAS, Rute (2019): *Sobre o Verbo Ficar em Construções Progressivas* (Dissertação de Mestrado). Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- VENDLER, Zeno (1967): *Linguistics in Philosophy*. New York, Cornell University Press.

Corpus

1.1. «[...] e assim se *fica conhecendo* a máscara por enquanto ainda viva deste homem.»

[LC, p. 174]

2.1. «Continuou a gritar o padre, e acudiram vizinhos, que retiraram aleijados de ferimentos. No entanto as caixas e gavetas do padre *ficaram disputando* o vácuo com a cabeça teológica de seu dono. Consta que fora medrado o saque.»

[JT, p. 38]

2.2. «De modo que tudo o que o Antunes *ficou sabendo* foi que tinha uma grande curiosidade de saber a verdade.»

[NG, p. 83]

5.1. «Lembrou-se das noites em que *ficara olhando* para o corpo de David, tentando imaginar o que faria aquele estranho na sua cama, aquele estranho mergulhado num mundo que era só dele, onde ela não podia entrar.»

[MI, p. 168]

6.1. «O Bernardes e o Castel-Branco eram dois galos no mesmo poleiro. Um dia, as esporas de um deles *ficariam sangrando*. Decapitadas.»

[RT, p. 47]

8.1. «– Aquele patinho feio que depois virou cisne lindo – murmurei, orgulhoso da minha sabedoria. (Eu também era letrado, *ficasse* aquela sirigaita *sabendo!*)»

[Putos, p. 185]

10.1. «KNIPPERDOLLINCK [...]. Mesmo que fôsseis aqui em maior número que nós, *ficai sabendo* que o vosso direito não seria maior que o nosso.»

[IND, p. 22]

12.1. «Mas tinha sobretudo uma maneira brusca e cravada de travar e de me *ficar olhando*, como se me procurasse em qualquer sítio de mim onde não houvesse lembrança do que estávamos dizendo.»

[A, p. 47]

13.1. «Logo nos pusemos a caminho para o porto de Salinas o padre guardião e eu, *ficando* meu companheiro *cuidando* da casa, para consolação dos frades, por ser homem muito caritativo e alegre.»

[CPó, p. 162]

Fontes do corpus

Textos literários

Branco, Camilo Castelo

(1990) *José do Telhado* (Coleção **O Herói e o Mito**). Lisboa, Edinter [de *Memórias do Cárcere*, ¹1862].

Campos, Fernando

(¹¹1999) *A Casa do Pó*. Lisboa: Difel [¹1986].

Ferreira, Vergílio

(¹⁸1990) *Aparição*. Lisboa, Bertrand Editora, Lda. [¹1959].

Namora, Fernando

(⁹1993) *O Rio Triste*. Mem Martins: Publicações Europa-América, Lda. [¹1982].

Negreiros, Almada

(²1992) *Nome de Guerra*. Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda [¹1938].

Pereira, Ana Teresa

(1989) *Matar a Imagem*. Lisboa, Editorial Caminho, SA.

Saramago, José

(¹²1998) *Levantado do Chão*. Lisboa: Editorial Caminho, SA [¹1980].
(1993) *In Nomine Dei*. Lisboa, Editorial Caminho, SA.

Tojal, Altino do

(1989) *Os Putos* (edição comemorativa do 25.º aniversário: 1964-1989). Odivelas, Europress [¹1964].

Siglas (das fontes do corpus)

| | |
|-----|--|
| A | <i>Aparição</i> , Vergílio Ferreira |
| CPó | <i>A Casa do Pó</i> , Fernando Campos |
| IND | <i>In Nomine Dei</i> , José Saramago |
| JT | <i>José do Telhado</i> , Camilo Castelo Branco |
| LC | <i>Levantado do Chão</i> , José Saramago |
| MI | <i>Matar a Imagem</i> , Ana Teresa Pereira |

NG *Nome de Guerra*, Almada Negreiros
Putos *Os Putos*, Altino do Tojal
RT *O Rio Triste*, Fernando Namora

Henrique Barroso**Departamento de Estudos Portugueses e Lusófonos****Escola de Letras, Artes e Ciências Humanas****Universidade do Minho**

Campus de Gualtar

P-4710-057 Braga, Portugal

hbarroso@elach.uminho.pt